

COMO ABORDAR O SELFIE A PARTIR DE UMA VISÃO CRÍTICA REFLEXIVA TENDO COMO BASE O ENSINO DE ARTE?

Pâmella Nunes de Otanásio

Orientanda de pós-graduação *latu sensu*, Especialização em Arte/Educação Intermediária Digital – Universidade Federal do Goiás (UFG), Pâmella Nunes de Otanásio licenciada em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília (UnB). Orientadora, Terezinha Maria Losada Moreira. Doutora em Artes pela Universidade de São Paulo (2015) e Centre for Art Education and International Research – Roehampton University of Surrey (2004) é professora adjunta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Texto revisado pela orientadora. pamellaotanasio@gmail.com



Terezinha Maria Losada Moreira

Doutora em Artes pela Universidade de São Paulo (2015) e Centre for Art Education and International Research – Roehampton University of Surrey (2004) é professora adjunta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Texto revisado pela orientadora. telosada@gmail.com



selfie; identidade;
ensino de arte

Resumo: O tema deste trabalho é a hipereposição dos jovens nas redes sociais por meio dos selfies. Recorte realizado principalmente a partir da observação em ambiente escolar, durante a experiência como docente. Assim, há o questionamento entre a prática do selfie e a formação da identidade. Para abordar tal prática optou-se por uma pesquisa qualitativa onde foi feito um breve levantamento histórico sobre o autorretrato na História da Arte, desde seus primórdios até o advento da fotografia e da tecnologia digital. A partir das análises contextuais de Stuart Hall, sobre as identidades múltiplas, e de Debord, sobre a Sociedade do Espetáculo. Foi proposto a vinte estudantes com faixa etária entre 16 a 18 anos do Centro de Ensino Médio 02 (CEM 02) de Planaltina – Distrito Federal (DF), uma proposta educativa de quatro etapas que visava investigar a questão do processo de formação da identidade tendo como base a apreciação e a análise dos retratos produzidos pela artista Cindy Sherman e a relação signo/objeto na obra *Uma e Três Cadeiras* (1965), de Joseph Kosuth. Tal proposta foi elaborada a partir da abordagem triangular de Ana Mae Barbosa. Com os objetivos de estimular entre os estudantes por meio da análise, da prática e da contextualização a consciência crítica, a criação e a ressignificação identitária de seus próprios selfies/autorretratos postados no ciberespaço por intermédio das redes sociais.

HOW TO ADDRESS SELFIE FROM A CRITICAL VISION REFLECTIVE BASED ON THE ART EDUCATION?

selfie; identity;
teaching art

Abstract: The theme of this work is the overexposure of young people in social networks through selfies. Cut accomplished primarily from observation in school environment, while teaching experience. Thus, there is the question of the practice of the selfie and identity formation. To address this practice we chose a qualitative research which was done a brief historical survey of the self-portrait in art history, from its beginnings to the advent of photography and digital technology. From the contextual analysis of Stuart Hall on multiple identities, and Debord on the Show Society. It was proposed to twenty students aged 16 to 18 years of High Education Center 02 (CEM 02) of Planaltina - Federal District (DF), an educational proposal of four steps aimed to investigate the issue of identity formation process taking based on the assessment and analysis of the pictures produced by the artist Cindy Sherman and the sign / object relation in the work *One and Three Chairs* (1965), Joseph Kosuth. This proposal was drawn from the triangular approach of Ana Mae Barbosa. Aiming to stimulate among students through the analysis of practice and contextualization critical awareness, creation and identity reinterpretation of their own selfies / self-portraits posted in cyberspace through social networks.

Envio: 21/06/2018 ◆ Aceite: 30/07/2018

Introdução

Quem nunca fez um selfie? Esse termo conhecido desde 2013 nos acompanha dia-a-dia. A sua prática é recorrente entre diversas pessoas, principalmente entre os jovens que tendem a produzir esse tipo de imagem para postar nas redes sociais.

Intrigada com esse tipo de comportamento entre os estudantes há o questionamento sobre a prática do selfie em relação ao processo de formação da identidade. Isso porque, ao produzir esse tipo de imagem o jovem tenta se enquadrar em padrões estipulados pela sociedade midiática, muitas vezes assumindo novas identidades a cada postagem na rede social, sendo, dessa forma, um processo que faz parte da busca pela afirmação de quem ele é a partir da visão do outro.

Diante da disponibilidade de aparelhos como câmeras, celulares, entre outros equipamentos, o selfie tornou-se uma prática corriqueira e acessível, visto a facilidade de produção e distribuição desse tipo de imagem. Por ser uma prática recorrente no ambiente escolar é importante que o docente busque meios para desenvolver uma percepção crítica do que está sendo veiculado na rede e como essa identidade se forma, sendo este um dos objetivos deste trabalho.

Para isso buscamos desenvolver uma proposta de educação digital questionadora, onde os equipamentos são facilitadores, ferramentas dentro do processo de ensino aprendizagem de arte (CUNHA, 2014, p. 9). Assim, o ato de produzir a imagem, selfie, será envolto de um pensamento crítico e reflexivo que busca um processo de questionamento da formação da identidade em relação à exposição da própria imagem. Em outras palavras, buscamos desenvolver uma percepção crítica aliada ao ato pedagógico dentro do contexto que o estudante vivencia envolvendo abordagens que promovam a investigação e a autonomia (CUNHA, 2013).

Com esse intuito, a pesquisa desenvolvida tem caráter teórico-prático envolvendo, no âmbito teórico, o levantamento bibliográfico de autores que discutem o impacto da internet e das mídias digitais na sociedade contemporânea, além de um breve histórico sobre o autorretrato na História da Arte e no cotidiano atual.

De modo complementar, a dimensão prática pautou-se na elaboração de uma proposta educativa para 20 estudantes, com faixa etária entre 16 a 18 anos, do Centro de Ensino Médio 02 (CEM 02) de Planaltina – Distrito Federal (DF). Tal proposta em formato de oficina foi dividida em quatro etapas com a necessidade de equipamento de projeção, máquina fotográfica ou celular e computador. Além de materiais como papel, caneta, recortes de revista, cola e tesoura.

No processo de estruturação da proposta foi relevante a discussão de trabalhos de artistas contemporâneos, tais como o de Cindy Sherman, que procura criar diversos personagens para questionar os estereótipos femininos através dos retratos, e de Joseph Kosuth, que trabalha com os conceitos de significante e significado a partir da obra *One and Three Chairs* (Uma e três cadeira, 1965), na qual o artista pretende que o espectador questione as relações entre o objeto e suas representações visual e verbal.

Entretanto durante a aplicação da proposta foi observado que a mesma necessita ser reestruturada, pois o tempo estimado para aplicação de aulas expositivas e práticas não foi compatível com o conteúdo teórico-prático da oficina. Além da dificuldade em manter o grupo de aplicação envolvido na proposta. Tendo a necessidade de redirecionar a aplicação para o ciberespaço.

Contextualização – da pré-história à atualidade

O selfie será tratado a partir do conceito de autorretrato, um dos mais antigos e renovados gêneros que podemos encontrar na arte (COELHO, 2011, p. 7). A prática do autorretrato procura responder a uma indagação pertinente sobre quem somos e qual imagem nos representa. Assim o ser humano passa a ser o “primeiro objeto de reflexão e espetáculo de si próprio” (COELHO, 2011, p. 7).

Com advento da internet e das redes sociais houve um renascimento da fotografia, principalmente da mensagem imagética que cada pessoa divulga (SOARES, 2014, p. 186). Essa superexposição gera a visibilidade de personagens, que nem sempre revelam a real identidade da pessoa. Assim, a representação de si se dá por um ato performático. As

imagens fotográficas são disponibilizadas voluntariamente revelando a necessidade de hipereposição vivenciada hoje (SOARES, 2014).

Segundo Gombrich (2008), desde a pré-história o ser humano interpreta o mundo em representações imagéticas relacionadas aos seus costumes e organizações sociais. Em cada civilização e época há padrões estéticos que são seguidos na composição das imagens. Para os primitivos a imagem tinha a função de protegê-los, era algo real que fazia parte da cerimônia de caça, por exemplo, não sendo uma imagem de contemplação.

Na Idade da Pedra, os elementos convencionais da representação da realidade ainda são relativamente insignificantes e com o começo do Neolítico, do aparecimento das formas mais rígidas em que se desenvolvem a economia e a sociedade, a posse do domínio, o culto e o estado, a representação social torna-se mais uniforme e menos flexível (HAUSER, 1973, p. 36).

Já na arte ocidental do século XIII os artistas costumavam compor retratos que exaltassem algo especial da pessoa retratada. As primeiras representações eram de pessoas do clero e da realeza. No Renascimento surgem os retratos dos burgueses. Esse tipo de imagem, retrato, gera um fascínio sobre nossa imaginação, há uma troca incansável de olhares, onde a imagem parece possuir uma consciência, uma alma dotada de reflexão e sentimento (COELHO, 2011).

Os retratos trazem consigo o peso histórico de grandes feitos, cada elemento em sua composição estabelece uma leitura, um detalhe que não pode ser esquecido. Porém, nesse contexto, é necessário destacar a posição do artista, antes um artesão anônimo, que durante a segunda metade do século XIV começa a assinar suas obras em consequência do pensamento individualista decorrente do período.

A atração narcisista pela própria imagem; tentativa de sair de si mesmo para enfim ver-se melhor, ver-se de outro modo; a simples comodidade de ser o modelo mais disponível; no início de sua história, esforço do artista para que o vissem como aqueles que ele próprio retratava, isto é, como um membro das classes altas, das profissões liberais (intelectuais) e não das manuais, que dependiam do esforço físico: tudo isso se encontra na origem e na história do autorretrato (COELHO, 2011, p. 32).

Esse pensamento individualista se faz presente na concepção antropocêntrica do Renascimento com ênfase na razão, na ciência e em uma cultura laica. Com isso ganha

destaque o modo como os artistas se colocam diante da sociedade e o autorretrato revela essa posição. Um exemplo é o trabalho do escultor alemão Peter Parler (1330-1399) que produziu seu busto em tamanho real e o colocou na Catedral de São Vito, em Praga (MAIA NETO, 2011). Evidentemente, tal atitude só foi possível devido ao novo prestígio e valorização social do artista no Renascimento.

Assim com a procura pela autorrepresentação o século XIX trouxe princípios fotográficos que foram desenvolvidos ao longo do tempo com experimentos de Daguerre (1787-1851), por exemplo, entre outros pesquisadores e fotógrafos que contribuíram para o aperfeiçoamento da tecnologia fotográfica digital que temos acesso hoje em dia.

O advento da internet e tecnologias digitais de processamento da imagem

A imagem, um dos principais meios de comunicação da humanidade, ganhou destaque pelo advento da internet, concebida por volta de 1957. Assim a internet integra hoje em dia a difusão da comunicação global, difundida pela hipermediação: texto, imagem e áudio (RODRIGUES, 2007).

A fotografia é cópia de um *referente*, ou seja, de algo ou de alguém - pessoa, objeto, paisagem, animal, acontecimento etc. - reproduzido como imagem. No mundo da representação fotográfica, o *referente* é uma *primeira realidade*, e a imagem é uma *segunda realidade*. Esta última quase sempre sobrevive à primeira, pois, como documento, pode existir por muitos anos após o desaparecimento - morte ou destruição - de seu referente. A imagem fotográfica é polissêmica por natureza, passível de inúmeros significados. Possui um *sentido denotativo* representado de modo literal por aquilo que se vê registrado em seu suporte físico, e um *sentido conotativo* que corresponde à sua polissemia (RODRIGUES, 2007, p. 67).

Aliada à internet a fotografia compõe um *arquivo de vida* na rede, expondo momentos pessoais ou coletivos que tem na imagem uma forma de registrar o modo de vida, os costumes e cultura da sociedade (RODRIGUES, 2007). Entretanto esse *arquivo de vida* também expõe o hiperespetáculo, presente nas redes sociais (SOARES, 2014).

A imagem passa a ser consumida apresentando uma série de representações relacionadas aos padrões e estereótipos da sociedade midiática. Assim Rodrigues (2007)

argumenta que não existe a *verdade* na fotografia, pois esta sofre influência do modo de ver do fotógrafo, bem como do receptor, que analisa a imagem conforme sua interpretação e vivências.

Selfies: superexposição e cyberbullyng

De acordo com a Oxford Dictionaries o termo *selfie*, ou seja, um autorretrato realizado com um smartphone ou webcam para ser compartilhado nas redes sociais foi à palavra, no idioma inglês, do ano de 2013 com recorrência de 17.000% desde 2012. Porém, há indícios do uso desse termo desde 2002 em um fórum online australiano (OXFORD DICTIONARES, 2013).

O termo *selfie* foi usado em cerca de 57 milhões de imagens no [Instagram](#) e a hashtag “#selfie”, uma espécie de código que auxilia a pesquisa na rede social, conquistou os usuários, entre anônimos e celebridades (RUIC, 2013). A partir de então vivemos um momento em que são produzidos milhares de *selfies* entre jovens e adultos, anônimos e famosos.

A título de exemplo, vale destacar a socialite Kim Kardashian que lançou em maio de 2015 o livro *Selfish*, que significa egoísta em inglês. Esta obra contém vários *selfies* expondo sua rotina e principalmente sua sensualidade (F5 FOLHA UOL, 2015).

Esse apelo ao corpo feminino sexy, estereotipado, vangloriado na mídia, exerce uma grande influência entre os jovens configurando algo que merece ser discutido no processo educativo. Pois, como Kim Kardashian, muitas meninas têm em seus perfis nas redes sociais imagens que revelam partes de seus corpos ou destacam o modo como se vestem, em um comportamento nitidamente influenciado pela mídia. Se, por um lado, podemos argumentar que por viver em uma sociedade midiática essas meninas acabam sendo influenciadas pelos tipos de comportamentos veiculados nesses meios, por outro lado, devemos nos atentar que muitas adolescentes estão sendo discriminadas por esse motivo, sofrendo *bullying* nas escolas.

Um caso que exemplifica esse fato ocorreu em uma escola de São Paulo na qual as meninas foram classificadas em um ranking denominado “Top 10”. Esse ranking é formado a

partir de interpretações incoerentes e maldosas das imagens que as próprias meninas postaram na rede e que foram usadas para difamação. O caso se tornou tão grave que muitas meninas deixaram de ir à escola (JORNAL NACIONAL, 2015).

O *bullying*, violência física ou verbal, efetuado no espaço escolar passou a ser realizada nas redes sociais, ocasionando ataques pessoais denominados como o *cyberbullying*, uma violência virtual que gera transtornos para as vítimas. Uma pesquisa realizada pela Organização não governamental Plan, realizada com 5 mil estudantes brasileiros de 10 a 14 anos revela que cerca de 17% já sofreram *cyberbullying* pelo menos uma vez, 13% foram insultados pelo celular e 87% por textos e imagens enviados por e-mail ou por redes sociais (SANTOMAURO, 2010).

A sobrecarga imagética que o indivíduo é submetido seja como receptor ou produtor de imagem afeta as representações que faz de si, não só entre aqueles que se fixam no que é estipulado pela sociedade midiática, mas também no julgamento daqueles que não se enquadram nos estereótipos e acabam sofrendo com o *cyberbullying*. De acordo com Soares (2014), essas imagens utilizadas em ataques pessoais enfatizam a subvalorização e objetificação das individualidades.

A identidade na arte contemporânea

A transformação do conceito de identidade na pós-modernidade tratada por Hall (2005) dialoga com a visão de Guy Debord (1997) sobre a Sociedade do Espetáculo, que fomenta imposições silenciosas, usando a cultura como mercadoria e criando um monopólio da aparência.

A discussão da aparência, ou simulacros, também norteia o trabalho da artista norte-americana Cindy Sherman, que tem no autorretrato uma forma de questionar os estereótipos sociais, assumindo múltiplas identidades, nas fotografias que faz de si mesma. Nota-se que Sherman subverte o sentido do autorretrato ao usar o próprio corpo como suporte para criar personagens e tratar de questões como a representação da mulher na sociedade, a cultura americana, o poder da mídia e outras situações implícitas nos estereótipos sociais.

De fato, Sherman cria alteregos variados, usando o próprio corpo como suporte para criação de personagens. Nesse ponto podemos nos questionar se a artista faz um autorretrato ou um retrato. Logo ela usa o autorretrato para explorar possibilidades além da introspecção, ou seja, usa o seu corpo e artifícios para construir outras identidades, velando de sua própria identidade, pois não se mostra na totalidade, mas em fragmentos. A artista modifica sua forma seus traços com um trabalho de maquiagem, figurino e cena impecável para assim retratar algo que a intriga.

Entre 1977 e 1980 ela produziu uma série fotográfica composta por 69 fotos conhecida como *Untitled Film Stills*, onde cria personagens femininas solitárias, em situações distintas, que remetem a filmes hollywoodianos. Essas mulheres são representadas de modo sensual, luxuoso ou como mulheres comuns, que podem ser vistas em momentos de descontração na intimidade de suas casas.

Essas fotos mapeiam uma constelação particular da feminilidade ficcional comum no pós-guerra americano, por usar características pontuais das mulheres representadas nos filmes dessa época, Sherman cria uma relação a partir das memórias visuais do espectador (GALASSI, 1997). Questionando os códigos de representação dominante na cultura midiática (CRUZ, N. V.; ARAÚJO, C. L, 2012).

A obra performática de Sherman reflete a pressão social por moldes identitários, que ao construírem sobre si tantas imagens estereotipadas perdem qualquer índice com suas verdadeiras faces. Assim, ela nos questiona se a identidade é uma essência ou um disfarce social, debaixo do qual existe uma série de outras máscaras e disfarces. Para isso, a artista se oculta e se esconde por trás de seus autorretratos, evidenciando as máscaras da representação feminina na sociedade contemporânea (CRUZ, N. V.; ARAÚJO, C. L, 2012, p. 14).

Tal crise entre o signo e o objeto, entre o significante e o significado presente na obra de Cindy Sherman, por outra via também é o tema da obra “Uma e Três Cadeiras” (1965) do artista norte-americano Joseph Kosuth. Nela o artista se apropria de uma cadeira de uso comum apresentando-a ladeada por uma foto da mesma cadeira e sua descrição verbal.

Associando as análises teóricas de Hall e Debord às propostas artísticas de Sherman e Kosuth iremos discutir a questão da identidade na educação formulando, ao final, uma proposta de arte educação intermediária.

Identidade e o ensino de arte

Dewey (1980) defende o ensino como experiência, um processo contínuo que considere o universo ao nosso redor e as nossas vivências, no qual as percepções, ações e suas consequências precisam estar articuladas. Busca que essa experiência propiciada por um ensino consciente resulte em uma ação reflexiva no processo de aquisição de conhecimento. O ensino de arte na escola pode proporcionar o desenvolvimento da capacidade crítica dos estudantes em relação à leitura de uma expressão estética (CUNHA, 2012).

Com esse intuito o ato pedagógico do docente deve ser crítico para proporcionar a autonomia e autogovernança de si e do estudante, assim o educador deverá buscar que suas abordagens de ensino de arte promovam instâncias investigativas (CUNHA, 2013). Logo o ensino-aprendizagem ocorre em uma troca entre o docente e o estudante, ao valorizar o conhecimento processual.

Sintonizada com as ideias de Dewey, a Abordagem Triangular (apreciar, fazer e contextualizar) de Ana Mae Barbosa orientará a proposta educativa que será apresentada abaixo por ela “estabelecer em uma perspectiva contextual, para o desenvolvimento da identidade cultural e da cognição/percepção” (CUNHA, 2012, p. 162). Nesse sentido, as discussões sobre o contexto contemporâneo de Hall e Debord, apresentadas acima, serão exploradas com os estudantes por meio da apreciação crítica das obras de Sherman e Kosuth, de modo que os estudantes tenham também a experiência do fazer artístico como forma de reflexão, questionando e ressignificando o *selfie*, tema em discussão na proposta. Dessa forma, a questão da identidade será tratada como processo contínuo, estimulando o desenvolvimento, a formulação de hipóteses e os questionamentos do estudante ao longo de todo esse processo (HOFFMANN, J, 1993).

Proposta educativa – estrutura e aplicação

A partir do exposto a proposta educativa em formato de oficina foi direcionada para vinte estudantes do CEM 02 de Planaltina – Distrito Federal, para que estes tivessem a oportunidade de repensar a produção e distribuição do *selfie* como uma ação presente no processo de formação de suas identidades.

A oficina se divide em quatro etapas que visam repensar o conceito do *selfie*, dialogando com o processo de formação da identidade para que o docente desenvolva uma percepção crítica aliada ao ato pedagógico para que haja um questionamento dos estereótipos reforçados pela sociedade midiática. Para realização da oficina se faz necessário o uso de projetor, câmera fotográfica ou o próprio celular do estudante, computador e materiais como papel, caneta, recortes de revista, tesoura e cola para algumas práticas propostas.

Na primeira etapa da oficina cada pessoa é vista como um território que carrega elementos que as identificam e outros que as relacionam com os demais territórios. Cada participante é orientado a utilizar recortes de palavras, imagens, o desenho livre, a escrita cursiva e tudo mais que achar necessário para montar um painel em uma folha. Este painel tem como objetivo promover a identificação de cada território.

Na segunda etapa foi escolhido o trabalho *Untitled Film Stills* (1977 – 1980) da artista Cindy Sherman, para que os estudantes analisem e dialoguem sobre os estereótipos abordados pela artista, além da proposição de personagens diferentes tendo o corpo como suporte. A partir desta discussão eles irão realizar uma série de três autorretratos. No primeiro, buscará se representar do modo mais natural possível, sem nenhuma manipulação técnica. No segundo irá criar o que considerem um típico *selfie* encontrado na de rede social, podendo nesta fase utilizarem os mais diversos recursos técnicos, tais como filtros, posição de câmera favorável, expressões, maquiagem e outros artifícios. A última imagem seria o retrato de uma personagem usando o seu corpo como suporte, assim como no trabalho da Cindy Sherman.

Com isso chegamos à terceira etapa, momento em que cada estudante munido com a representação verbal do seu território e de sua série fotográfica ira questionar sobre o

seu processo de formação de identidade, dialogando sobre as interferências ou semelhanças entre os territórios de cada pessoa e como o *selfie* participa desse processo.

A quarta etapa se relaciona ao trabalho *Uma e Três Cadeiras* (1965) do artista Joseph Kosuth. Nesse trabalho, conforme já mencionado, a cadeira é representada ou apresentada de três modos: verbete especificando o que seria uma cadeira, uma cadeira real e a foto da mesma em tamanho natural.

Para dialogar com o trabalho de Kosuth será montada uma exposição em que cada aluno irá apresentar o painel identitário, feito na primeira etapa e um *selfie* que o identifique, deixando um espaço entre ambos para que ele possa se posicionar no centro. Em uma estrutura correspondente a obra de Kosuth.

Nessa etapa pretende-se que os estudantes percebam a relação entre signo e objeto que Kosuth abordou em seu trabalho. Ou seja, que possam observar como um mesmo objeto pode ser representado de diferentes maneiras, utilizando-se diferentes códigos (visual, verbal, cênico, etc), bem como diferentes meios, sejam os materiais e técnicas tradicionais da arte, sejam as novas mídias digitais. Também será analisado como estas escolhas de códigos e meios não são isentas, pois, ao se alterar o significante, ou seja, a forma de representar o objeto se altera também o seu significado, imprimindo ao objeto representado novos sentidos e diferentes valores simbólicos.

Por fim, explorando o conceito de simulacro em Debord, será discutida a dissolução das fronteiras entre imagem e realidade na obra de Kosuth. Pois, ao retirar a cadeira de seu ambiente cotidiano apresentando-a num novo contexto (assim como fez Duchamp com o mictório na obra *Fonte*) essa cadeira perde o seu status de objeto, deixa de ser “realidade”, tornando-se também um signo, uma aparência sem realidade, isto é, um simulacro.

Mas como não queremos reduzir o estudante a uma mera cadeira na sala de aula, objeto inanimado, isolado e passivo, os estudantes experimentarão a possibilidade de se posicionar em outros territórios, saindo da sua zona de identificação para interagir com o espaço construído pelos outros colegas. Nessa etapa, os estudantes utilizarão os demais trabalhos realizados: a produção do *selfie* típico das redes sociais e a personagem criada a partir da proposta de Cindy Sherman. Em um exercício de curadoria coletiva, os estudantes

irão alterar o formato inicial da exposição dos territórios identitários, discutindo entre si critérios para uma nova maneira de ordenar e expor os trabalhos de todos, estabelecendo novas redes de significação.

Segundo Nóbrega (2010) as redes sociais configuram espaços de construção dos sujeitos que se identificam e compartilha o mesmo território, no caso da oficina essa construção ocorre no espaço real. Para a autora a construção da identidade, seja no ambiente virtual ou não, se realiza sempre a partir do espaço simbólico. De como a representação do eu a partir da percepção da identidade é colocada na rede virtual. Um ego superexposto em imagens dramáticas, realizadas como um processo teatral de representação, ou um processo performático, como destaca Soares (2014).

Aproximando-se da abordagem de Hall, na proposta de curadoria coletiva os estudantes irão explorar a multiplicidade da identidade, que não sendo fixa, pode mudar a cada instante a partir do nosso contato com o mundo e com o outro. Nesse processo eles podem se questionar sobre como suas identidades vão se modificando e como a imagem do *selfie* participa desse processo, destacando-se, também, as questões da hiperexposição e da espetacularização da realidade, discutidas por Debord.

Assim que a proposta educativa foi estruturada o CEM 02 de Planaltina – DF foi contactado e mostrou-se disponível para receber a oficina, esta deveria se adequar ao calendário de atividades e avaliações da instituição de ensino público.

Desse modo o primeiro contato foi realizado no dia 9 de outubro de 2015 no período da manhã com a participação de vinte estudantes, do segundo e do terceiro ano, com a faixa etária entre 16 a 18 anos, em uma aula de 45 minutos. Tendo em vista que esse primeiro encontro ocorreu em um período conturbado, pois os estudantes se encontravam em semana de revisão de conteúdo para as avaliações, além da previsão de greve dos professores do DF.

Foi apresentada aos estudantes a pesquisa e a proposta da oficina, naquele momento eles se colocaram disponíveis. Assim prossegui explanando sobre o retrato e o autorretrato, em uma aula expositiva breve, tendo como base a história da arte para que posteriormente eles apreciassem o trabalho da artista Cindy Sherman e sua crítica sobre os estereótipos femininos, sempre questionando sobre o processo identitário.

Os estudantes demonstraram surpresa, ambos ficaram impressionados, com o trabalho da artista. Não acreditavam que as mulheres de cada foto eram a mesma pessoa. Após essa apreciação e análise da obra de Sherman, foi proposto que os estudantes realizassem a construção de um texto de identificação. Assim como no dicionário o nome de cada um seria o verbete e o texto a identificação do mesmo.

Avalio que o resultado dessa atividade foi ótimo, pois eles se soltaram, ariscaram na estrutura textual, alguns escreveram no formato de poesia, por exemplo. Ao final desse encontro, tendo em mãos o contato de todos, me coloquei disponível para esclarecer qualquer dúvida sobre a proposta aos responsáveis de cada estudante, porque estes teriam que produzir *selfies* durante a realização das seguintes etapas.

Com os professores em greve a oficina teve que se adequar ao espaço da rede social, *Facebook*, na qual criei um grupo, *Selfie/identidade*, para manter o contato com os estudantes e dar prosseguimento a oficina. Porém, dos vinte estudantes presentes no primeiro encontro, contactados por email para adesão ao grupo, apenas três deram prosseguimento as atividades.

Sendo que a essas estudantes se juntou uma estudante do Colégio CIMAN, instituição de ensino particular localizada no Cruzeiro - Brasília. Assim as quatro estudantes participaram da proposta pelo espaço da rede social. A cada etapa da oficina houve a necessidade de reformulação para sua aplicação no grupo *Selfie/identidade*, que foi usado no período de 11 de outubro a 3 de novembro de 2015.

O fechamento da oficina não ocorreu como o planejado. Mas acredito que o objetivo de refletir sobre o processo de formação da identidade a partir do *selfie*, foi alcançado a cada postagem e discussão na rede social. Além do que, alguns estudantes tanto no primeiro encontro quanto as que continuaram no espaço da rede social já tem a concepção que a identidade em si é dinâmica, móvel, conforme a teoria de Hall.

É interessante abordar que durante esse processo, os pais de uma estudante questionaram a proposta e a necessidade da sua aplicação pela rede social, *Facebook*. Pois a estudante não possuía perfil na rede por orientação de seus responsáveis. No entanto, após explicar a proposta detalhadamente, enviar o termo de uso de imagem me prontificando a

usar os *selfies* produzidos apenas para fins de pesquisa. Os pais consentiram que a estudante abrisse seu perfil na rede social.

Considerações finais

O desenvolvimento da pesquisa se orientou por um ato pedagógico consciente, priorizando o uso de recursos tecnológicos disponíveis e de interesse dos estudantes, buscando o desenvolvimento de um processo afetivo, criativo e crítico sobre a questão da identidade, visando fortalecer a autonomia e a interação sociocultural dos estudantes.

O aparato teórico foi de extrema importância na formulação do corpo da pesquisa, e principalmente para a proposta educativa. Sua aplicação, apesar dos contratempos, demonstrou que quatro etapas, que seriam quatro aulas de 45 minutos, não são suficientes, sendo que essa proposta necessita de mais tempo para a reflexão proposta a partir da base teórico-prática.

Apesar da baixa adesão a proposta pela rede social. O *Facebook* demonstrou ser um espaço que pode proporcionar o desenvolvimento do ensino de arte e de outras áreas do conhecimento. Devido à possibilidade de postagens de imagens, vídeos, textos, links que podem ser acessados a qualquer momento pelo estudante. Além desse acesso ao conteúdo, disponível como em uma base de dados, o docente pode propor discussões e acompanhar a participação dos estudantes.

Pelos aspectos citados a cima e pela experiência com os pais da estudante, que aprovaram sua adesão à rede social. O espaço virtual pode ser usado com segurança, desde que haja uma análise contínua do que será exposto e consumido nesse espaço. Consequência de um ensino consciente no qual o docente, independente da área de atuação, pode fomentar entre os estudantes uma autonomia digital crítica.

Penso que o objetivo em refletir sobre o processo de formação da identidade a partir do *selfie* foi alcançado, devido à apreciação dos trabalhos de Sherman e Kosuth, aliado a base teórica de Hall e Debord. Pilares para a proposta educativa desenvolvida nesta pesquisa.

Referências

COELHO, Teixeira. *Olhar e Ser visto na Casa Fiat de Cultura: a figura humana da renascença ao contemporâneo*. São Paulo: Base Sete Projetos Culturais: Museu de Arte de São Paulo, 2011.

CUNHA, Fernanda Pereira da. Como realizar performances culturais arte/educativas sem desígnio pedagógico-crítico? *Encontro Nacional da ANPAP*. 2013. Ecossistemas Estéticos Belém – Pará 15 a 20 de outubro.

_____. Do e-laissez-faire à educação intermediática crítica. *Inter- Ação*, Goiânia, v.39,n.1, jan./abr.2014.

_____. *E-arte/educação: educação digital crítica*. São Paulo: Annablume; Brasília: Capes, 2012. 292 p.

CRUZ, N. V.; ARAÚJO, C. L. Imagens de um Sujeito em Devir: autorretrato em rede. *Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica*. v. 12, n. 23, 2012.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 237 p.

DEWEY, John. *Experiência e natureza: lógica: a teoria da investigação; a arte como experiência; vida e educação; teoria da vida moral*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. 318 p. (Os pensadores).

DIAS, Alfrancio Ferreira. A contribuição dos Estudos Culturais para compreender o conceito de identidade. *V Fórum Identidades e Alteridades. I Congresso Nacional Educação e Diversidade*. UFS – Itabaiana/SE, Brasil. 08 a 10 de setembro de 2011.

F5 FOLHA DE SÃO PAULO. *Kim Kardashian lança livro de 'selfies' e faz divulgação (com uma 'selfie')*, 2015. Disponível em < <http://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2015/05/1624982-kim-kardashian-lanca-livro-de-selfies-e-faz-divulgacao-com-uma-selfie.shtml>> Acesso em 27 de agosto de 2015.

G1 JORNAL NACIONAL. *Listas de 'dez mais' viram uma febre de bullying nas escolas*, 2015. Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/06/listas-de-dez-mais-viram-uma-febre-de-bullying-nas-escolas.html>> Acesso em 27 de agosto de 2015.

GALASSI, Peter. *Cindy Sherman: The Complete Untitled Film Stills*. MOMA – *Museum of Modern Art*, New York, 1997. Disponível em <<http://www.moma.org/interactives/exhibitions/1997/sherman/>> Acesso em 27 de agosto de 2015.

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. 16. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan 543 p. 2008.

GRIECO, Alfredo. Comunicação por imagem fotográfica na internet: mudança de paradigma. *ALCEU* - v.6 - n.12 - p. 99 a 114 - jan./jun. 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102 p. ISBN 85-7490-157-4.

HAUSER, Arnold. *A arte e a sociedade*. Lisboa: Editorial Presença, c1973. 185 p. (Biblioteca de textos universitários ; 70).

HOFFMANN, Jussara M.L. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pre – escola a universidade*. Porto Alegre, Ed. Educação & Realidade, 1993. 200 vp.

MAIA NETO, José A. *O desenho e o autorretrato em sala de aula: desenvolvimento intelectual a partir do autoconhecimento*. 2011. 37 f., il. Monografia (Licenciatura em Artes Plásticas)—Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

NÓBREGA, Livia de Pádua. A construção de identidades nas redes sociais. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 20, n. 1/2, p. 95-102, jan./fev. 2010. Disponível em <<http://habitus.ucg.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/1315/899>> Acesso em 3 de maio de 2015.

OXFORD DICTIONARIES. *The Oxford Dictionaries Word of the Year 2013 is....* Oxford, 2013. Disponível em: <http://blog.oxforddictionaries.com/2013/11/word-of-the-year-2013-winner/>.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. Análise e tematização da imagem fotográfica. *Ci. Inf.* [online]. 2007, vol.36, n.3, pp. 67-76. ISSN 1518-8353.

RUIC, Gabriela. Palavra do ano, selfie se consolida como mania na internet. *Revista Exame.com*, 2013. Disponível em <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/palavra-do-ano-selfie-se-consolida-como-mania-na-internet#3>> Acesso em 27 de agosto de 2015.

SANTOMAURO, Beatriz. Cyberbullying: a violência virtual. *Nova Escola*. ed 233, 2010. Disponível em < <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/cyberbullying-violencia-virtual-bullying-agressao-humilhacao-567858.shtml>> Acesso em 27 de agosto de 2013.

SOARES. Luciano de Sampaio. Do Autorretrato ao Selfie: um breve histórico da fotografia de si mesmo. *Tuiuti: Ciência e Cultura*, n. 48, p. 179-193, Curitiba, 2014.

